

VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITORIO

RUA DO OUVIDOR

52-sobrado-52

CORTE

Trimestre
Semestre
Anno

PROVINCIAS

58000	Semestre	118000
105000	Anno	218000
298000	Avulso	18000



Este peixinho não quer pegar na isca! Felizmente a nossa paciência é grande.... e.... com gestinho....

A grande tiragem que fazemos presentemente da **VIDA FLUMINENSE**, obriga-nos a começar na segunda-feira pela manhã a impressão das suas quatro paginas desenhadas.

Estava, portanto, já no prelo o numero passado, quando fomos tão dolorosamente surpreendidos pela infausta noticia do prematuro passamento da serenissima Princeza a Sra. D. Leopoldina, Duquesa de Saxe.

Foi-nos por esse motivo impossivel cumprir o dever de pagar, como desejavamos, o ultimo tributo de veneração e respeito á memoria da virtuosa finada, apresentando seu retrato no lugar do honra de nossa folha.

Fazemol-o hoje.

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 18 de Março de 1871.

O *Diario de Noticias* fallou verdade uma vez, e essa foi quando disse—que era uma folha unica no seu genero.

Unica! Unica, realmente.

Qual das outras, entre as muitas que se publicam nesta boa cidade, tem a habilidade de tirar tanto partido dos processos escandalosos?

Nenhuma.

Nenhum soube explorar tanto a mina Juca Rosa como elle.

Os diversos depoimentos que então inserio em suas columnas, cheios de reticencias e de inicias, deram peor copia da moralidade fluminense do que os proprios crimes attribuidos no mercurio africano pelo *Diario de Noticias*.

Esgotado este assumpto, andou o redactor da mencionada folha á cata de outro, que lhe favorecesse a venda quotidiana de mais alguns numeros, a razão de quarenta réis cada um.

Tanto procurou.... tanto, que por fim achou.

E este não vale, por certo, senones do que o Juca Rosa.

Nos interrogatorios feitos pela policia ás desgraçadas escravas, que eram por seus senhores obrigadas a viver em má vida, deparou o *Diario de Noticias* com um riquissimo manancial de renda.

Esses interrogatorios são tambem ligados de inicias.

Se as não tivessem pouco ou nada valeriam elles, porque o xiste da coisa é dar ao a que se attribuem a diversas pessoas conceituadas, de uma moralidade illibada, as torpezas relatadas nos depoimentos.

Isso é que é engraçado!

Já uma vez aconselhei no *Diario de Noticias*, e faço gosto em repeti-lo agora, que nas questões como estas ou não publique *nada* ou publique *tudo*.

O que não convém é o meio termo.

O que não convém são essas reticencias e inicias, que são tiras de cego, dados a esmo, sem pontaria, e que deixando de acertar no unico culpado, vão ferir a reputação de mein dozia de innocentes.

Mas sei d'antão que estou pregando aos peixinhos.

Olá se estão!

..

A remoção da cordilheira de atterro do largo do Paço, proxima á ponte das barcas fluminenses, faz-se com toda a celeridade.

Ali apparece, duas e mesmo tres vezes por dia, uma carroça que em poucas horas (e não trabalha a vapor) se enche de terra, retirando-se em seguida.... com as formalidades do estylo.

E a cordilheira vai diminuindo, diminuindo a olhos vistos.

Diminuindo tão depressa, que antes do fim do anno estará reduzida a pouco mais da metade do que era ha tres mezes.

Awáy?

Assim é que se trabalha na America do Norte, no paiz por excellencia da actividade, no paiz em que se considera que o tempo é dinheiro.

Vamos nos americanisando muito, palavra de honra!

..

A proposito de tempo, ahí vai um *calenbourg* inglez, que, por milagre não sei de que santo, nada perde com a traducção.

E' em fórma de interrogação.

— Qual é o homem que come mais tempo?

— E' o que come *todos os dias*.

Vejam lá se entendem.

Eu entendi; entretanto não posso deixar de reconhecer que, a respeito de trocadilhos inglezes... temos conversado!

..

Sabem todos como as crianças crescem depressa. Desenvolvem-se, por assim dizer, a olhos vistos.

Faz-me isto lembrar uma pergunta ao leitor:

— Porque é que quasi sempre a gente acha leve uma criança, logo que a pega ao collo, e começa a sentil-a mais pesada cinco minutos depois?

Não sabem? Eu lhes digo: é porque a criança *vai crescendo*.

..

E' um gosto passar pela rua da Carioca só para vêr aquella enfiada de carroções de mudança, cada qual mais bojudô.

Haverá nada tão cominado? O venturoso proprietario de taes vehiculos só teve de alugar um quartoinho, que transformou em escriptorio.

Para que mais? Não está ali a rua, onde os carroções são lavados e onde esperam frete?

Se algum carro ou tilbury vem imprudentemente parar proximo delles, fica impedido completamente o transitio publico.

Mas que tem com isso o homem dos carroções... a camara municipal... e o fiscal da freguezia?

A culpa recabe toda sobre o tilbury ou carro que parou!

Olaré!

A. DE C.

Theatrollices.

Nos dicionarios da lingua portugueza não vem este vocabulo por ser modernissimo.

E' como um pão saindo do forno.

Theatrollices significam, pouco mais ou menos, o seguinte: fraudulagens dramaticas, frioleiras theatraes, insignificancias criticas, puerbias artisticas, *considerações* que não devem merecer a menor *consideração*, pistolinha de vintem, cujas lagrimas nunca hão de chegar a calir nem a doer brancas dos theatros excelsos, em que se sentam os inepicaveis empenhados e suas laureadas phalanges de artistas inspiados....

Ahi está!

Ahi está o que são as theatrollices!

Ninguém, portanto, se incomode com o que ellas disserem.

Se fôr de censura o seu fundo, mimoscien-o com um sorriso do mófa e com esse erguer, tão significativo, de hombros, que é a mais amena expressão de desprezo.

Se fôr de elogio o seu contexto.... virem folha, virem folha, virem folha.... como quem não quer a coisa.

Vai isto em forma de prefacção, prologo, introdução ou *que melhor nome tenha*, como dizia o outro.

Entremos em materia.

Porfiada andou até agora a luta entre os quatro theatros mais ou menos dramaticos da capital do Imperio.

Cada um no seu genero, cada um na sua esphera especial procurou angariar a sympathia publica com detrimento de seus tres competidores.

O S. Pedro explorou os dramas de grande apparato.

O S. Luiz as altas comedias, ou comedias de coturno.

A Phenix as comedias baixas ou as comedias de chiuvelos.

O Gymnasio.. esse requer uma explicação.

Não sei que nome tem, artisticamente falando, o genero *sui-generis* de que lançou mão seu illustrado empenhoso nestes ultimos mezes. Mas como tudo deve ter um nome, peço venia para classificar-o no novissimo genero *MAIZENA*, em attenção ao muito *milho* que se tem *descascado* e reduzido a pó sobre seu tablado.

Submetto esta minha classificação á approvação do douto conservatorio dramatico.

Fica, pois, assentada como verdade inconcussa, que cada um dos quatro empenharios (Germano, Furtado Coelho, Jacintho Heller e Valle) evidou o supremo esforço, o que é muito digno de louvor, para chamar aos seus bancos a maior concurrencia de seus espectadores.

Nesse justo empenho formou cada qual um nucleo de artistas especialistas, como siém ser todos os que tem algum talento, e preparou um repertorio adequado ao genero que adoptou.

Com taes elementos não podia deixar de prosperar a arte.

E prosperou.

Havia emulação, e a emulação é uma arvore que dá sempre fructos saburosos.

D repente mudou tudo de aspecto.

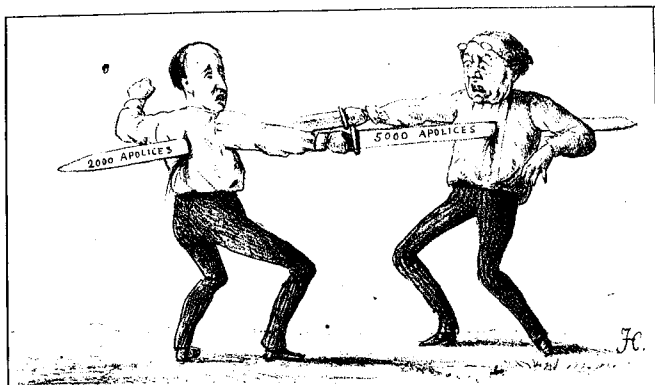
A emulação honesta transformou-se em feia inveja. Os quatro tabernaculos desfiguraram-se em quatro casas de cambio.

A arte de Talma passou a ser puramente arte de ganhar dinheiro, sem criterio, sem pudor artistico. Barallou-se tudo.

O Gymnasio, que mal tem pessoal habilitado para *decançar seu milho*, invadio com arrogancia hespanhola as searas do S. Luiz e da Phenix.

O S. Luiz que soffre de *garridice chronica* (molestia aguda), deu de mão aos seus bríos para ensaiar e pôr em scena a opereta, vertida do hespanhol, *O Joven Telemaco*, com o só fito de prejudicar a Phenix, que ha mais de dous annos exhibe produções desse genero.

AVIDA FLUMINENSE



*A pena de Taliaô.
"Quem com apolices mata, com apolices morre."*



"Meus senhores, mudo de casa. Estava no 71º 78; passo para o numero 77. Sotiei do numero, porque no lote chamam-se. Me sempre' penas de mulher; e V.V.S.S.ª sabem que as minhas narvalhas, os meus pentes, as minhas Aesouras e o sexo fraco... São realmente, o meu fraco. A casa está muito chue. Venham ver."



*Ernesto Rossi.
no "Hamlet" de Shakespeare.*

A Phenix tão desmorienda como os outros theatros quiz tambem ataviar-se com as penhas do pavão, e ali-a brancos como os dramas e altas comedias, apesar da tremenda decepção porque passou com a sua primeira especulação, o *Condennado*, *condennado* pelo publico tão estreptosamente.

O S. Pedro, se bem que uma ou outra vez hajja tambem subido um pouco fóra das suas raizs naturaes, é o unico que tem procedido, em regra, com algum discernimento, e a proxima representação da lenda *As tentações de Satanaz* bem o prova.

Estão, pois, todos os theatros fóra dos seus devidos eixos.

E continuirão a estar, enquanto cada um dos empregarios persistir em curar mais na ruina de seus competidores, do que no aproveitamento dos recursos de que dispõe.

Ainda se fossem elles os unicos prejudicados!

Porém a arte tambem se resente e muito com taes manejos mercantilis.

E o publico. . . esse coitado vê-se em um dilemma terrivel: ou ha de resolver-se a não frequentar theatros, ou a vêr actores comicos representando dramas de força e actores dramaticos interpretando e cantando operetas!

Felizmente para os amantes de theatros vao inaugurar-se agora uma qudrta auspiciosa, que os libertará do bicurritio argument.

Ahi vem a Companhia Lyrica, que tantos applausos colheu no anno proximo passado, reforçada com dous cantores de primeira ordem (um soprano e um barytono) apresentar na scena do theatro D. Pedro II oito ou dez operas novas, para nós, dos melhores mestros.

Ahi vem Rossi, o celebre artista dramatico, o mais celebre talvez de quantos possui hoje a velha Europa; ahi vem com uma companhia completa para extasiar-nos com seu robustissimo talento.

Corramos todos aos theatros Lyrico e D. Pedro II! Corramos sim, e deixemos, envoltos no pó que levantam, esses bofariñheiros da arte, que mais se afeiçoam em tornar bem patente as avarias da fazenda dos seus collegas, do que em provar a excellencia da sua.

* *

Como se fosse epilogo:

Não tenho amigos.

Se os tives e, diria como o outro: *vel magis amica veritas.*

O que desejo é stigmatizar essa mania que nossos empregarios tem de plantar arvóres, não para colherem seus fructos, mas para cobrirem de sombra os quintaes dos vizinhos.

Para conseguir esse intento nada pouparei.

Não conheço nem empregarios, nem artistas, estou no caso de criticar-os com imparcialidade.

Poderei errar em meus juizos por má apreciação, por perversão de paladar artistico.

Nunca, porém, aquilatarei um actor pelo sympathy ou antipathy que me inspira.

Estamos entendidos.

— 17 de Março.

D. FUSAS.

Assumpto de varias côres

(Não ha espaço para o summario.)

O calor vai diminuindo de intensidade.

Se, para provar esta proposição, não bastassem as constantes lamurias dos negociantes de gello, e o nariz afilado de mestres Schröder, e Guimarães, os dous mais conspícuos fabricantes de sorvetes; a concorrência por demais razoavel que actualmente invade os nossos theatros, prova-a-hin de sobra.

Ha motivos que justificam essa concurrencia.

Os empregarios, acobardados perante as iras abraçadoras do astro diurno, tomam folego apenas este começa a modificar os seus rigores, e procuram por tal fórrna aguarar a curiosidade publica, que não resiste esta á tentação de verificar por si, se é exacto tudo quanto se vê ahi affixado pelos cantos das ruas, ou prometido em pomposos annuncios das folhas diarias.

* *

E assim que, dos quatro theatros actualmente em serviço activo, nem um só tem lá grandes razões de queixa.

E assim que mestre Arnaut, fiel no rifão não é com vinagre que se *apanham moscas*, trata de reforçar o pessoal artistico da sua *troupe*, contratando Mlle. Delmary, (a artista sympathica e intelligente de quem os *habitués* se lembravam com verdadeira saudade, e a quem prodigalisaram constantes ovacoes na noite da sua reentrada) e prometendo-nos para breve a estrêa de Mr. e Mme. Dupont n'uma operetta nova para o nosso publico e destinada a conservar-se por muito tempo no cartaz, se o exito obtido entro nós corresponder á voga que ella outr'ora teve em Paris.

* *

E assim que a *Phenix Dramatica* chamando Joaquim Augusto e Ismenia, para o gremio de seus artistas, e recorrendo ao repertorio que outr'ora engrandecem o *Gymnasio*, dá um passo de gigante e mostra exuberantemente que não recua diante de quaesquer sacrificios para satisfazer as crescentes exigencias de seus frequentadores. (Estes reconhecem os esforços da empresa atulhando todas as noites a sala da rua da Ajuda.)

* *

E' ainda assim que o Valle—saudoso daquelle tempo em que, graças ao *Panorama de Lisboa*, o bilheiteiro se via em calças perdidas para dar vasto aos centenaes de matosinhos que de todos os lados lhe estendiam a quota exigida pelos lugares,—encarrega seu talentoso irmão de pintar uma teta de grandes dimensões, representando a cidade do Porto com a exactidão de que só é capaz quem, como o Sr. Valle, lá passou alguns annos, e conhece a palmos desde o ultimo beco até á rua mais aristocratica da segunda cidade de Portugal.

* *

E' ainda assim que o Sr. Germano para competir com tudo quanto vai dito, lança mão de uma peça

espectaculosa, onde a litteratura não foi desprezada, o scenario e machinismo brilhante e completamente attendidos.

Não falta, pois, onde a troca de alguns tostões se passem noites agraçáveis.

* *

Se os velhos e adultos encontram nos theatros, de que me ocupei até agora, soberba distracção nos dissabores da vida; as crianças e fumantes não a tem somente na esplendida loja do "cão tenco" onde os briquedões andam a tres por dons, e os charutos correm parelhas com o nectar das dröses.

O Sr. Polonio, dono do estabelecimento (ont'ora sito á rua do Ouvidor n. 45) entendeu que o commercio de charutos e boneros não podia ficar estacionario, e para mostrar que é progressista de veras, inaugurou na casa n. 70 da mesma rua uma exposição de artigos para crianças e fumantes, que mette n'um chinello todas as exposições deste genero feitas até hoje entre nós.

* *

Recebi ha dias o seguinte bilhete :

"Hlm. Sr.—Sob o título de FAZENDAS QUASI DE GRACA acabo de abrir um estabelecimento de fazendas, sito á rua da Assemblia n. 73.

"As vantagens, que me offerece a resolução de só comprar a dinheiro, habilitam-me a vender por preços, mais que razoaveis, todas as mercadorias de que se compõe o meu negocio.

"Dessejando que minha casa se torne conhecida, peço-lhe que annuncie nos seus assignantes as inculcaveis vantagens do meu estabelecimento, onde effectivamente as fazendas são vendidas QUASI DE GRACA.

"Subscrevo-me.—Seu constante leitor.—João Manoel de Toledo Franco.

No dia seguinte, para verificar a exactidão de tudo quanto vai dito dirigi-me a casa do Sr. Toledo e comprei lá por seis o que, não ha ainda dous mezes me havia custado dez em outra loja!

Parece incrível; mas o caso deu-se assim mesmo!

* *

Foram offerecidos á redacção deste seminario :

"O grande mappa do *cerco de Paris*" trabalho importantissimo o onde se podem ver com excessiva facilidade as posições occupadas pelo exercito prussiano, e os fortes que se acham entre estas e as linhas de defeza, ou baluartes da grande cidade.

"Grammatica franceza de Adolpho Tiberghien, já muito elogiada pela imprensa diaria.

Agradecemos de veras ambas as offertas.

* *

X O retrato da chorada Princeza que occupa a ultima pagina desta folha é cópia de uma primorosa photographia do Sr. Insley Pacheco.

Agradecemos ao distincto artista a boa vontade e promptidão com que nos remetteu a supracitada photographia.

A. DE A.

Rossi

Na 3.ª pagina do nosso seminario encontrará o leitor o retrato deste celebre tragico, trajando as roupas de *Hamlet*, e caracterisado tal qual se apresentava out'ora perante o publico de Milão.

Acerea do modo por que Rossi conseguiu crear o importante o colossal personagem da tragedia de Shakspeare, e dos triumphos que lhe foram prodigalisados na noite do seu ultimo beneficio, em Milão, parece-nos acertado reproduzir aqui o artigo publicado no *Mundo Artistico*, cuja transcripção será lida com prazer por quantos tem ainda um pouco de amor pelas cousas da arte.

Eis o artigo :

A *relação circumstanciada de quanto se passou no theatro Real* hontem á noite resume-se em um hymno, não interrompido de clamoroso enthusiasmo. *Hamlet* e *Rossi* foram dignos um do outro. A arte verdadeira, a arte russi e transcendental, a arte de Talma, de Madama e de Kean, approxinou por tal sorte o artista italiano do principe dinamarquez que o publico por vezes esquecia o primeiro para só lembrar-se do segundo.

O repertorio de Ernesto Rossi é rico e variado, mas o *HAMLET* basta por si só á manifestar os innumerables recursos do grande artista, a quem o publico milanês deve horas de indizivel enthusiasmo!

Se como tragedia, o *HAMLET* é a folha mais virreute dos louros de Shakspeare; como creação artistica é a pedra de toque destinada a aquilatar o enorme talento de Rossi.

O publico, apesar de conhecer de ha muito a obra do porta-ingles não se cansava de victorial-a hontem á noite; e a multidão que apinhava o theatro, a cada passo prorompia em manifestações ao grande tragico que assim lhes desvendava bellezas d'arte até alli desconhecidas.

Corôas, flores, um primoroso retrato desido ao lapis de Fontana, e alguns mimos de subido rutor feitos a Rossi, durante o curso da representação completaram o cortejo de orações, a que só tem direito os talentos excepcionaes.

A noite de hontem foi para Rossi, e para o publico milanês, uma verdadeira festa da arte; e os principaes orgãos da imprensa italiana concedendo ao nosso herôe as honras de um dos tragicos modernos fazem-lhe inteira e completa justiça.

A. DE A.

ANNUNCIO

Uma senhora, completamente habilitada a ensinar piano, e as linguas franceza, ingleza e allemã, propõe-se a leccionar por casas particulares e collegios. Recebem-se recados no escriptorio desta folha.

52. RUA DO OUVIDOR 52

TYP. AMERICANA—RUA DOS OURIVES 19.

AVIDA FLUMINENSE



*S. A. e Serenissima Princesa D. Leopoldina.
Duquesa de Saxe.*